

# Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia

Marcela Lino da Silva<sup>1</sup>  
Stphanie Sá Leitão Grimaldi<sup>2</sup>  
André Felipe de Albuquerque Fell<sup>3</sup>

## 1 REFERÊNCIA

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

## 2 CREDENCIAIS DO AUTOR

Neil Postman (1931-2003), respeitável crítico e estudioso da mídia e educação nos Estados Unidos, foi diretor do Departamento de Comunicação da Universidade de Nova Iorque. Suas obras envolvem, sobretudo, análises sobre a evolução da tecnologia e a sua influência sobre a cultura da sociedade. Entre suas publicações mais importantes neste meio, estão: *Amusing Ourselves to Death*, *Conscientious Objections*, *End of Education*, *Teaching as a Conserving Activity*, *The Disappearance of Childhood* e *Technopoly: the Surrender of Culture to Technology*.

## 3 RESUMO DA OBRA

Das ferramentas à tecnocracia, da tecnocracia ao tecnopólio. Estas são as três vertentes basilares na obra de Postman (1994) – em *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia* – utilizadas para uma análise ideológica, histórica e social acerca dos problemas e das vantagens inerentes ao avanço tecnológico na sociedade.

### 3.1 Das ferramentas ao tecnopólio

A cultura é apresentada de forma significativa na abordagem desenvolvida ao longo da obra, além de mais dois fatores bem presentes na discussão: *Tecnologia versus Pessoas*. Segundo Postman, a tecnologia no estado atual não se vincula mais à cultura global, sendo possível enxergar que as pessoas e as tecnologias ocupam lugares opostos no tabuleiro e que atualmente só um lado está se movendo – e ganhando, isto é, o lado da tecnologia.

Entender o processo evolutivo que levou a sociedade ao tecnopólio – em que o soberano passou a ser a tecnologia e o servo a sociedade humana – requer compreender três momentos pelos quais passou o mundo social: o da utilização de ferramentas, a tecnocracia e o tecnopólio. Esses três instantes de cultura

<sup>1</sup>Graduada em Comunicação Social. UFPE. linomarcela@gmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Gestão da Informação. UFPE. tt.grimaldi@gmail.com

<sup>3</sup>Doutor em Administração. UFPE. highland97@hotmail.com

---

podem coexistir; porém, todos apresentam a premissa básica de que as tecnologias foram criadas e existem para servir ao homem. Acontece que, a partir do modo como o relacionamento entre homem, técnicas e tecnologia foi sendo socialmente construído (e reconstruído) ao longo do tempo, é que houve alterações nessa premissa.

Apesar de a humanidade ter partido de uma cultura de ferramentas, nem todas as sociedades seguiram um processo evolutivo até o tecnopólio. Postman procurou destacar que, na cultura de ferramentas, o ser dominador era o homem, que, a partir da invenção de ferramentas, buscava resolver problemas urgentes e específicos da vida física quando do uso dos moinhos de vento, da força hidráulica ou do arado de roda pesada; ou ainda, atender às necessidades de ordem simbólica na arte, religião, política com a construção de castelos, catedrais e no desenvolvimento do relógio mecânico. Nesta fase, o autor observa que as ferramentas não atacavam e nem alteravam a integridade da cultura na qual foram introduzidas. Presentemente, as culturas usuárias de ferramentas estão cada vez mais escassas.

Já na tecnocracia, as ferramentas passam a desafiar a cultura, enfraquecendo as ideologias, pois o desenvolvimento da indústria da máquina-ferramenta transforma a concepção do homem quanto às suas necessidades. Determinada cultura ainda existe e ainda rege o mundo, as invenções e até o mercado por meio do capitalismo e as invenções de maquinarias no século XVIII.

Avançando desse ponto de questionamento motivacional quanto às necessidades humanas é que se oferece um lugar ao tecnopólio: a cultura em que a técnica e a tecnologia sobrepõem a tradição de uma sociedade. Assim, o tecnopólio emerge e os problemas decorrentes dessa evolução permanecem insignificantes perante o progresso tecnológico.

O tecnopólio passa a ser, então, um estado de cultura, envolto em seus próprios dogmas e misticismos, impondo o rumo e o ritmo de vida às sociedades humanas e, por meio dele, a burocracia, a especialização e a técnica tornam-se o principal meio pelo qual o homem é reconhecido socialmente. Em outros termos, o homem encontra seu sentido de vida na tecnologia.

Não há mais pensamento crítico ou até analítico no tecnopólio, a máquina faz tudo, pensa em tudo. O trabalhador não precisa mais pensar em como realizar seu serviço, a máquina diz e ele faz. Não há mais seres críticos pensantes, há seres alienados. Tudo passa a ser técnico e perde-se a necessidade de entender o porquê das coisas, apenas se aceita passivamente a ordem estabelecida. O tecnopólio produz uma espécie de amnésia sobre o passado, em que tudo é substituído pelas abordagens e variáveis tecnicistas. É como se as visões e os princípios dos indivíduos que compõem a sociedade, antes fundamentados em hábitos e valores tradicionais, fossem afetados no seu modo de refletir acerca do que se constitui verdade mediante a realidade enraizada e disseminada como senso cultural. Daí o esclarecimento do autor:

[...] as novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como “conhecimento” e “verdade”; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo – um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real (POSTMAN, 1994, p. 22).

Vale salientar que essa evolução tecnológica não leva necessariamente ao progresso humano e social, e Postman (1994, p. 60) justifica isso com a ideia de Frederick Taylor (1856-1915) a respeito da produção industrial com a ascensão do tecnopólio:

Claro que isso significava que os operários teriam de abandonar as regras empíricas tradicionais que estavam acostumados a usar; na verdade, os trabalhadores eram liberados de toda e qualquer responsabilidade de pensar. O sistema tratava de pensar por eles. Isso é crucial, porque leva à ideia de que qualquer tipo de técnica pode pensar por nós, o que está entre os princípios básicos do tecnopólio.

Aliada a este terceiro momento há a informação de que, ao mesmo tempo em que o alimenta, é alimentada por ele. É certo que a informação sempre foi algo desejável de acordo com as necessidades, e, quando inserida em um contexto social, torna-se ainda mais importante e envolve em significados que podem transformar conhecimentos.

À medida que os avanços da ciência e tecnologia (tecnocracia) migraram para um estado em que o domínio tecnológico sobre o comportamento da sociedade passou a predominar, o conteúdo informacional também cresceu proporcionalmente, dissimulado na ideia de solução para os problemas de escassez de informação. Os suportes tecnológicos mudaram, as pessoas adquiriram computadores, a internet chegou às

---

escolas, às residências, às empresas e o que parecia distante e, praticamente, impossível de ser alcançado, tornou-se perceptível graças à convergência entre tecnologia e telecomunicações: a informação em seu estado mais disperso.

O que parece estar sob controle, a informação tangível advinda das mais diversas fontes, esconde o lado, quiçá, mais obscuro e irreversível com o que a sociedade já se deparou. Assim, o tecnopólio proporcionou um maior acesso à informação; contudo, os usuários foram afetados por uma avalanche informacional desenfreada que apresenta em seu diagnóstico um distúrbio de informação incapaz de atender às necessidades caso seu usuário não esteja preparado para a sua produção, comunicação e uso.

### 3.2 Ambivalências do tecnopólio: a informação como insumo sobre a cultura

Ainda em suas reflexões, Postman (1994, p. 72) ressalta que “de fato, uma maneira de definir um tecnopólio é dizer que seu sistema de defesa contra a informação é inoperante. O tecnopólio é uma forma de Aids Cultural, usada aqui como acrônimo para Síndrome de Deficiência Antiinformação”. Ele ainda completa: “Informação sem regra pode ser letal”. Mas, seria o controle a melhor maneira de resolver o problema? Desvencilhando-se de um “sim” ou “não” objetivo, Postman esclarece que, muitas vezes, essa organização, gestão e controle informacional se fazem necessários, uma vez que sem esse processo, dificilmente, as questões seriam solucionadas em tempo hábil e com a precisão requerida pelo tomador de decisão, no caso das organizações, por exemplo.

Percebe-se que Postman (1994, p. 203) apresenta o tecnopólio como uma faca de dois gumes e, reitera, ao longo de sua obra, a importância da criticidade que a educação pode despertar nos indivíduos: “Resumindo, precisamos de estudantes que compreendam as relações entre nossas técnicas e nossos mundos social e psíquico, de modo que possam iniciar conversas informadas sobre aonde a tecnologia nos está levando e como”.

É justamente nessa questão que se esconde o perigo. Se um novo aparato tecnológico é capaz de influenciar a tradição de um povo, os costumes de uma sociedade, a tendência é a humanização da máquina ou a mecanização do homem? Os conceitos sobre o mundo mudam rapidamente e isso é inevitável em uma sociedade cercada de recursos que, em última análise, são resultados de implementos tecnológicos. Viajando até um passado recente, é fácil lembrar a comunicação escrita por cartas. As pessoas tinham o hábito de escrever aos parentes e amigos como uma forma de saber notícias e contar as novidades. No entanto, com a inserção do computador na sociedade, esse costume foi perdendo a sua força e o seu lugar para o envio de mensagens via e-mail e, conseqüentemente, afastando a pessoalidade inerente às cartas enviadas via correio. Explica o autor:

Este é outro princípio da mudança tecnológica que podemos deduzir do julgamento de Thamus: as novas tecnologias competem com as antigas – pelo tempo, por atenção, por dinheiro, por prestígio, mas sobretudo pela predominância de sua visão de mundo. Essa competição é implícita, uma vez que reconhecamos que um meio contém uma tendência ideológica (POSTMAN, 1994, p. 25).

Basta pensar, por exemplo, em como o telefone mudou a relação entre as pessoas. Enquanto antes os indivíduos preservavam o contato direto, após a chegada desse novo invento, a presença física para a comunicação foi enfraquecida pela possibilidade de conversar mesmo estando a quilômetros de distância. O telefone, por sua vez, também vem perdendo o mérito para o celular, já que este, além da possibilidade de comunicação à distância, ainda acrescenta a vantagem da mobilidade para o usuário, que tem o benefício de falar independentemente do espaço e do tempo. Este é um simples exemplo de como o costume de uma sociedade pode ser afetado diante das inovações tecnológicas, conforme fundamenta o autor:

O fato de a vida das pessoas ser mudada pela tecnologia é encarado como algo natural, e que as pessoas devem ser tratadas às vezes como se fossem maquinaria é considerado como condição necessária e lamentável do desenvolvimento tecnológico. Mas, nas tecnocracias, essa condição não é tida como filosofia da cultura. A tecnocracia não tem como objetivo um grande reducionismo, no qual a vida humana deva encontrar seu sentido na maquinaria e na técnica. O tecnopólio tem (POSTMAN, 1994, p. 61).

Em outros termos, o que acontece quando um novo aparato tecnológico é lançado à sociedade é que o indivíduo se torna vulnerável às promessas que o novo produto promete trazer como solução para certos problemas, além de facilitador de atividades. O discurso de Postman (1994, p. 70) nesse âmbito incide,

---

principalmente, na característica do tecnopólio que lida com “a maquinaria inovadora que gera, armazena e distribui mais informação, de maneira mais conveniente e com mais velocidade”. E é nesse momento que o autor entra em confronto com a credibilidade dos tecnopolitas acerca da necessidade de mais informação disponível: “No tecnopólio, somos impelidos a encher nossas vidas com a busca do ‘acesso’ à informação” (POSTMAN, 1994, p. 70).

De fato, o acesso à informação, em sentido mais singular, constitui um resultado, a priori, favorável após a criação de tecnologias, como o computador e a internet. Nos dias atuais, a facilidade de encontrar conteúdo é resultado não somente da invenção da máquina, mas também dos produtos gerados para a sua disseminação por essas máquinas, como as bibliotecas e lojas virtuais, sites de relacionamento, páginas de banco, entre tantos outros serviços que surgiram como uma alternativa cômoda e prática. Todavia, a produção desenfreada de conteúdo causou um excesso de informação que parece ter gerado a mesma inutilidade de quando não se tinha a tecnologia como suporte para o compartilhamento informacional. Parece que, em essência, o tecnopólio e sua tentativa de amparar a sociedade com o que há de mais moderno trouxeram consigo um lixo de informação que tem causado grandes problemas. Postman (1994, p. 78) corrobora esse pensamento quando afirma que

a informação tornou-se uma espécie de lixo, não apenas incapaz de responder às questões humanas mais fundamentais, mas também pouco útil para dar uma direção coerente à solução de problemas mundanos. Para dizer isso de uma outra maneira: o meio em que floresce o tecnopólio é um meio em que foi cortado o elo entre a informação e o propósito humano, isto é, a informação aparece de forma indiscriminada, dirigida a ninguém em particular, em enorme volume e em altas velocidades, e desligada da teoria, sentido ou propósito.

Com essa realidade, a sociedade corre o grave risco de se desorientar diante de uma explosão informacional. A cultura da informação tem minado o comportamento dos indivíduos e despertado neles a necessidade de implementação tecnológica, com o fim de otimizar os processos e solucionar os problemas ocasionados pelo seu próprio avanço. Seguindo tal raciocínio, Postman (1994, p. 92) observa a burocracia, sob o pensamento de Max Weber, como uma maneira de selecionar as informações de fato relevantes aos usuários. “A burocracia é uma tentativa de racionalizar o fluxo de informação, de tornar seu uso eficiente em nível mais alto, eliminando informação que distrai a atenção do problema em foco”.

É visível a propriedade com que Postman discorre sobre o status da informação, consequente do tecnopólio. É preciso reforçar que ele não nega a importância do acesso ao conteúdo, mas denuncia que a disponibilidade de informação desordenada também atrapalha o uso da informação correta.

#### 4 APRECIÇÃO CRÍTICA DO RESENHISTA

Um confronto entre tecnologia e sociedade: eis a premissa de Neil Postman, em *Tecnopólio*: a rendição da cultura à tecnologia. Apesar de ter sido escrito quase duas décadas atrás, o livro desperta para a necessidade de uma reflexão crítica a respeito da nocividade camuflada presente no avanço dos recursos tecnológicos na realidade atual. Pensar, portanto, sobre os efeitos deletérios da tecnologia na sociedade constitui um grande desafio, uma vez que é bastante complexo frear o desenvolvimento acelerado de um aparato que a cada dia se consolida mais dentro dos contextos social e organizacional contemporâneos. As ferramentas da civilização antiga, desempenhando papéis coadjuvantes, não confrontavam diretamente a cultura dos povos. Com as invenções da tecnocracia, sob o viés capitalista a influenciar a interação ferramenta e cultura, paulatinamente, já se podia vislumbrar a soberania da tecnologia a redefinir certas tradições da sociedade – nascia o tecnopólio.

Postman (1994) argumenta sobre as consequências antagônicas inerentes à evolução da tecnologia e já no início de sua obra deixa claro que, além das inúmeras vantagens advindas do avanço tecnológico, é preciso, sobretudo, estar atento para o perigo que essa realidade também carrega: “[...] é um erro supor que qualquer inovação tecnológica tem um efeito unilateral apenas. Toda tecnologia tanto é um fardo como uma bênção; não uma coisa ou outra, mas sim isto e aquilo” (POSTMAN, 1994, p. 14). Dessa assertiva, nota-se o embate entre os proponentes do imperativo ou determinismo tecnológico e os proponentes do determinismo social. Enquanto os primeiros defendem que as tecnologias têm uma influência causal direta (imposta) sobre as pessoas, organizações e a sociedade, isto é, a tecnologia determina o seu próprio uso, os proponentes do determinismo social defendem a construção social da tecnologia, ou seja, o enfoque

---

denominado de *Social Construction of Technology* (SCOT). Esse enfoque ou perspectiva surgiu da rejeição ao determinismo tecnológico, e seu objetivo é demonstrar como a sociedade influencia a tecnologia. Nesse caso, a força determinante não é a tecnologia, mas a sociedade.

A crítica do autor incide, especialmente, no olhar afetuoso e entusiasta que a maioria das pessoas tem sobre a tecnologia, alertando que é necessária a consciência de que, ao mesmo tempo em que uma invenção tecnológica pode contribuir para o desenvolvimento e desempenho de atividades, ela também desfaz e transforma conceitos, hábitos e percepções a propósito da cultura na qual foi inserida. É singular o pensamento de Postman (1994), visto que ele censura (como ele próprio argumenta) um ponto de vista defendido por uma massa aficionada e alheia aos problemas e mudanças, talvez, irreversíveis que a tecnologia pode causar.

Ademais, há que se considerar que o tecnopólio produziu a sua própria doença – a dispersão de conteúdo e a explosão informacional –, e a sociedade agora precisa buscar alternativas que sirvam como antídoto a essa enfermidade. Para isso, Postman (1994, p. 194) salienta que a “educação é um excelente antídoto para o caráter do tecnopólio anti-histórico, saturado de informação, adorador da tecnologia”. Esse pensamento supõe a necessidade de uma visão crítica, que ultrapasse as especulações teóricas, transformando-a em práticas que traduzem a cultura da sociedade. A intenção é saber para que e para quem toda essa tecnologia é produzida e como está sendo utilizada, de modo a refletir essa cultura.

Pode-se afirmar, ainda, que toda informação irrelevante que vem de meios desprovidos de cultura crítica não fomenta efetivamente conhecimento novo na mente do ser humano. Miranda (2010, p. 15) afirma que “a variação de compreensão da informação ocorre conforme a consciência do sujeito e o seu contato com o objeto proposicional.” Como entender algo que não necessita de compreensão porque é desprovido de sentido? Em breve, com o maior aumento da popularização da televisão e a crescente desvalorização da leitura e escrita críticas, é bem provável que não haverá muitos estudantes prontos para o debate e para a proposição de solução para problemas de interesse social. Haverá apenas estudantes e, conseqüentemente, uma sociedade, tecnóloga e alienada.

A obra instiga uma reflexão sobre o excesso informacional e como este é um fator que acaba por fomentar o tecnopólio. Paradoxalmente, estamos sendo desinformados por intermédio do acesso a informações em excesso, por meio de textos técnicos, opiniões e interpretações superficiais; que, em vez de auxiliarem na criação de conhecimento, acabam causando uma dispersão informacional que pode acarretar em conclusões mal fundamentadas e decisões equivocadas (BRAGA, 1998).

Nem sempre é necessário que a informação esteja exposta, muitas vezes somos nós que vamos ao encontro dela, seja por curiosidade, ou por medo de ficarmos desinformados. Entramos, assim, em um ritmo frenético, utilizando-nos de inúmeros meios que transmitem informações ao mesmo tempo – celulares, computador, televisão. Contudo, nossa capacidade de assimilar informações tem limite, mas nossa percepção não. Com isso, ao nos ocuparmos com várias atividades ao mesmo tempo, acabamos não nos focando no fundamental e não processamos o que estamos fazendo. Estamos em ritmo de *stress* em um século de enfarte. (ECO, 1994 apud MIRANDA, 2010).

É perceptível, ao longo do livro em análise, a presença de uma perspicaz ironia e de sutil sarcasmo, além de uma escrita que progressivamente vai deixando o leitor à vontade, mas sendo desafiado(a) a desenvolver um olhar mais atento e crítico ao contexto tecnológico hodierno. Postman salienta essa evolução com muita propriedade e desperta o senso crítico àquele que, antes apenas uma peça do tecnopólio, faz parte dessa cultura, insinuando a necessidade de desvencilhamento dos perigos que essa realidade pode trazer.

A obra se mostra um excelente suporte aos estudiosos das áreas de Comunicação, Sociologia, Ciência da Informação e, até mesmo, para os pesquisadores que têm no processo evolutivo da sociedade e seu contexto tecnológico o fundamento de suas análises e críticas.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Ryon. **O excesso de informação: A Neurose do Século XXI**. [1998]. Disponível em: <<http://www.mettodo.com.br/pdf/O%20Excesso%20de%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. **O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da Intencionalidade para a findability**. 2010. Tese (doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.